

Empédocles: Oh, respeita aquilo que não entendes!

A Morte de Empédocles

Friedrich Hölderlin.

Personagens:

HÖLDERLIN [1770–1843] – [actor na casa dos 60 anos]

ERNST ZIMMER [1772–1838] – [actor na casa dos 60 anos]

LOTTE [CHARLOTTE] ZIMMER [1813–1879] – [atriz entre 25 e 30 anos]

WILHELM WAIBLINGER [1804–1830] – [actor de 20 anos]

SUSETTE GONTARD [1769–1802] – [atriz de 33 anos]

BUFÃO – [actor na casa dos 60]

SRA. ZIMMER – em voz off apenas na primeira cena.

A acção teatral decorre entre o Verão de 1822 e o Verão de 1843, ano da morte de Hölderlin. O poeta alemão, nascido em Lauffen, viveu metade da sua vida em casa do marceneiro Ernst Zimmer, em Tübingen, cuja família o acolheu depois da sua estada em tratamento numa clínica psiquiátrica, também em Tübingen, de Setembro de 1805 a Maio de 1806. Entre o início e o fim do percurso teatral que agora se apresenta há, pois, uma elipse de tempo de vinte e um anos, sujeitando, propositadamente, uma das personagens – Lotte, a filha mais nova de Zimmer – a um erro cronológico que só não o é porque o teatro permite balançar no tempo o espírito das personagens: em 1822, Lotte tinha nove anos e logo no início da história ela surge aparentando entre vinte e cinco e trinta anos, assim se mantendo ao longo da narrativa. Naturalmente, mas com impacto menor, semelhante prodígio teatral acontece com as demais personagens.

Os figurinos de Hölderlin e de Susette Gontard são de época. O de Bufão é de uma outra categoria, e as outras personagens usam figurinos contemporâneos ao tempo da realização do espectáculo.

Tendo em conta que não há notícia sobre os trechos de música tocados recorrentemente no piano por Hölderlin na Torre de Tübingen, as sugestões musicais propostas nos interlúdios são de Ludwig van Beethoven, compositor contemporâneo de Hölderlin, nascido no mesmo ano.

*

O quarto de Hölderlin na Torre de Tübingen, a casa da família do marceneiro Ernst Zimmer. Duas janelas – em parede que se supõe hexagonal – que dão para o exterior, na margem do rio Neckar. Uma cama individual de madeira, elegante e simples, uma mesinha de cabeceira, um gracioso candeeiro de petróleo, uma cadeira junto a uma pequena mesa também de madeira com folhas de papel, um tinteiro, um bico de pena que será referida como sendo “de ganso”. Um roupeiro. Alguns, poucos, livros pousados no topo do roupeiro e sobre a mesa. O mobiliário é obra do marceneiro Zimmer. Há um espaço com função de antecâmara do compartimento, que poderá ser o corredor no andar onde está situado o quarto. O fundo da cena, toda a superfície, deverá permitir a projecção de imagens.

LOTTE ARRUMA O QUARTO DE HÖLDERLIN

[Lotte, Sra. Zimmer (off)]

Interior, manhã. O quarto está desarrumado. A roupa da cama em novelo, sem aprumo; umas calças sobre a porta aberta do roupeiro; algumas folhas de papel caídas no chão; uma janela aberta; sobre a mesa, um prato com cascas de fruto e livros; a cadeira está junto de uma das janelas e o candeeiro pousado no chão ao lado da cama. Lotte arruma o quarto, reorganizando o espaço, ajeitando a roupa da cama, pousando o candeeiro sobre a mesinha de cabeceira, colocando a cadeira junto à mesa, arrumando as calças e fechando a porta do roupeiro, ordenando as folhas de papel sobre a mesa, dando um toque na janela sem a fechar. Lotte é cuidadosa. A fala de Lotte é uma gravação e de vez em quando ela cola a sua voz aos dizeres gravados, às vezes em desacerto, permitindo uma oscilação e variação de sons. Para o final, a partir de “o meu querido pai” a gravação desaparece.

LOTTE

eu tinha treze anos quando waiblinger veio visitar o senhor hölderlin pela primeira vez, ele tinha dezoito, achava-se poeta, e eu achava que era um moço realmente bonito, e não lho disse, não tinha nada que o dizer, embora ele tivesse olhado muito para mim, mas, sobretudo, para a minha irmã christiane, que era

mais velha, mas para mim também olhou, e ainda gosto de pensar que ele também gostou de olhar para mim, o tempo tem a importância que tem, o espírito do tempo, como tantas vezes fala o senhor hölderlin, umas vezes estamos à frente dos dias que vivemos, outras vezes atrás, a idade que temos não nos pertence, não sou dona da idade que tenho, já não tenho a idade desse tempo, mas também tenho, estamos em mil oitocentos e vinte e dois e o senhor hölderlin está com a minha família, nesta casa, passada que foi a sua primeira grande crise e o tratamento na clínica psiquiátrica aqui ao lado onde estive oito meses, eu ainda não tinha nascido, mas o tempo é assim mesmo, um mistério, passa por nós e muitas vezes nem deixa marcas, por exemplo, na cara, somos novos ou velhos, não vemos o tempo a passar por nós, a deixar as marcas que os outros vêem, o meu querido pai gosta de falar disso, nestes dias de verão, sobretudo ao domingo, e agora estou aqui, desde criança que também cuido do senhor hölderlin, gostamos muito dele, lembro-me bem desse mês de julho em que apareceu waiblinger a querer saber coisas do senhor hölderlin, tinha eu treze anos, já disse

SRA. ZIMMER

Off. lotte, não te esqueças das maçãs e traz também as framboesas, estão pedidas

LOTTE

sim, minha mãe

SRA. ZIMMER

Off. ah, e as cerejas, o senhor hölderlin gosta delas bem rijas, e passa pelo alfaiate, o roupão dele está rasgado, precisa de arranjo

LOTTE

sim, mas vou ao alfaiate ou à costureira?

SRA. ZIMMER

Off. alfaiate, pode ser que seja preciso um novo, ele que diga

LOTTE

os suspensórios acho que não estão bons

SRA. ZIMMER

Off. então, fala com a costureira também *Lotte retira umas velhas pantufas debaixo da cama, observa-as com atenção e coloca-as de novo debaixo da cama. Sai. Entra pouco depois trazendo uma formosa jarra de vidro com água e um copo, que pousa sobre a mesa. Pousa também um paninho sobre o topo da jarra. Contempla o serviço feito e sai. Na transição de luz para o movimento seguinte, o quarto fica na obscuridade.*